

CLUBE DO LIVRO COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA E ELABORAÇÃO SIMBÓLICA: UM RELATO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

SIMONE BATISTA DA SILVEIRA¹; MARIA EDUARDA SILVEIRA DO
NASCIMENTO²; SABRINA PECCIN FREITAS³; ENZZO MALLCON
GONÇALVES⁴; MARIA HELOISA GERVAZIO LOPES⁵; LUCAS NEIVA-SILVA⁶

¹Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – simonebsilveira1@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – snascimentoeduarda1@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – speccinfreitas2@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – enzzomalcon@hotmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – heloisagervazio@gmail.com

⁶Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – lucasneivasilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O grupo PET Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no ano de 2025, propôs como uma das atividades de extensão a realização de um clube do livro. A proposta foi a leitura e discussão conjunta do livro “A gente mira no amor e acerta na solidão”, da psicóloga e psicanalista Ana Suy (2022). A atividade buscou articular duas frentes principais: (1) a criação de um espaço de escuta e troca entre participantes diversos e (2) a experiência de diálogo sobre a psicanálise fora dos moldes acadêmico-clínicos tradicionais.

Segundo Lacan (1967), a transmissão da psicanálise não se reduz ao ensino formal ou à formação didática, mas implica na criação de espaços simbólicos em que o sujeito possa ser convocado à fala e à elaboração. O autor diferencia a psicanálise “em extensão” daquela “em intenção”, defendendo que a primeira opera como forma de presentificar a psicanálise no mundo. Nessa perspectiva, o clube do livro pode ser compreendido simultaneamente como um dispositivo de extensão universitária e como uma manifestação da psicanálise em extensão, nos termos propostos por Lacan, como um espaço de circulação, no qual se permite que a ética psicanalítica seja compartilhada por meio da leitura, da escuta e da elaboração coletiva.

Essa possibilidade de mediação simbólica entre experiência de leitura e elaboração já foi destacada por Freud (1907). Para o autor, a literatura tem o poder de tocar o inconsciente de forma indireta, revelando verdades que escapam à via conceitual e racional. O poeta, ou o escritor, ao explorar seus próprios conflitos e fantasias, também convoca o leitor a se implicar simbolicamente com o texto na experiência da leitura. Assim, a leitura de uma obra literária pode operar como um dispositivo de elaboração simbólica, favorecendo deslocamentos subjetivos e experiências de escuta.

O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de extensão do clube do livro do PET Psicologia, compreendida como um espaço de escuta e elaboração simbólica de experiências subjetivas dos participantes, a partir da leitura compartilhada da obra “A gente mira no amor e acerta na solidão” (Suy, 2022). Além disso, propõe-se a discutir se o clube pode ser considerado um instrumento de diálogo sobre a psicanálise para além dos espaços tradicionais da universidade.

2. METODOLOGIA

A atividade foi desenvolvida como extensão universitária, pelo grupo PET Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no primeiro semestre de 2025. O clube do livro teve duração de 8 semanas, com encontros semanais, iniciando em 20 de maio e terminando em 8 de julho. Os encontros foram realizados de forma online, através de uma plataforma com áudio e vídeo, com participação média de 21 pessoas por encontro. Participaram os PETianos, o professor tutor, estudantes de graduação da FURG e outras universidades de diferentes estados brasileiros, bem como a comunidade externa à universidade.

A mediação foi realizada pelos participantes do PET, articulando a leitura dos capítulos selecionados com provocações reflexivas e o estímulo à livre associação coletiva, incentivando os participantes a compartilhar suas experiências, interpretações e percepções. Os encontros foram estruturados em 4 momentos:

1. abertura do encontro: nesse momento era apresentada a dupla mediadora e o título dos capítulos que seriam discutidos.
2. reflexão inicial: eram apresentados estímulos artísticos (leitura de poema, texto ou vídeo), provocando a reflexão sobre os capítulos a serem discutidos e estimulando a participação sensível do grupo.
3. discussão dos capítulos: os mediadores propunham perguntas abertas e reflexivas para estimular as trocas e os participantes compartilhavam as suas percepções, favorecendo a construção coletiva de sentidos.
4. atividade de registro: ao final de cada encontro, os mediadores disponibilizavam um formulário online (via Google Forms) para que os participantes registrassem os afetos e reflexões mobilizados pela experiência coletiva.

A análise do material produzido nos murais virtuais foi conduzida em uma perspectiva qualitativa e interpretativa, mais interessada em apreender os efeitos de sentido gerados pela experiência do que em mensurar indicadores objetivos. O foco esteve na forma como o dispositivo convocou os participantes à simbolização e à elaboração de suas vivências, reconhecendo nos registros coletivos não apenas conteúdos manifestos, mas também formações simbólicas que remetem à dimensão inconsciente, permitindo observar deslocamentos subjetivos, ressonâncias afetivas e produções singulares de sentido.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Ao longo dos encontros, foram elaborados quatro murais virtuais como forma de registro e estímulo à participação assíncrona. Esses murais receberam, respectivamente, 10, 3, 7, e 6 contribuições, totalizando 26 respostas. A maior parte das questões propostas era de caráter qualitativo, buscando provocar reflexões pessoais a partir dos temas discutidos e estimular a livre expressão dos participantes. As respostas apresentaram grande diversidade de percepções e associações, permitindo observar como o dispositivo fomentou múltiplas leituras e sentidos a partir de um mesmo ponto de partida. Essa dinâmica revelou tanto o engajamento dos participantes na elaboração conjunta quanto a riqueza das trocas possibilitadas pelo clube.

A escuta coletiva mostrou-se um dos principais eixos de potência dos encontros. Em diferentes momentos, os participantes relataram que a fala do outro funcionava como um espelho, provocando reflexões e deslocamentos

internos. Um(a) dos(as) participantes respondeu ao ser perguntado(a) sobre sua percepção do encontro: “[...] *Me senti mais aberta e disposta a formular reflexões a partir de todas as outras perspectivas, perguntas e opiniões que apareceram ao longo dos discursos*”. Outro(a) também afirmou: *“Foi acolhedor ter um espaço para pensar os sentimentos de solidão e amor. Perceber que outros pensam parecido com o que eu sinto. Ou então perceber as diferenças entre as formas de encarar esses dois elementos”*. Essa ressonância mútua entre as falas remete ao que Lacan (1967) propõe como condição para transmissão da psicanálise: o saber que se transmite não é o conteúdo técnico, mas a possibilidade de ocupação de um espaço simbólico em que algo possa ser dito, e efetivamente escutado.

O clube funcionou como um espaço de enunciação singular, sustentado por um texto literário que evocava afetos profundos, mas também por uma escuta coletiva que autorizava o dizer. Nesse contexto, a escuta do outro também funcionou como ponto de atravessamento: os encontros não exigiam respostas, mas ofereciam tempo e espaço para que cada um pudesse se afetar e produzir sentido a partir daquilo que a leitura suscitava. Esse fluxo coletivo de sentidos fica claro na resposta de um(a) participante sobre sua perspectiva do encontro: *“Achei o encontro muito bom. Achei que ia ficar mais preso à ideia de amor romântico e fiquei feliz que a discussão foi pra um lado de amor platônico também”*. Outro(a) participante também expressa esse efeito ao escrever: *“Gostei bastante de ouvir perspectivas diferentes das que eu havia pensado enquanto lia, isso enriquece bastante as reflexões sobre o conteúdo”*.

Para Freud, o escritor, assim como o analista, convoca o leitor a se implicar em suas próprias fantasias, memórias e conflitos (FREUD, 1907). No clube, essa convocação não se deu por interpretação técnica, mas pela mobilização de sentidos, sensações e afetos diante da leitura, favorecendo experiências de elaboração simbólica. Essa dimensão também pode ser relacionada ao que Freud (1937) descreve como trabalho de elaboração, no qual experiências e afetos são simbolizados e integrados, permitindo ao sujeito dar forma e sentido a conteúdos internos. No clube, essa função apareceu em respostas como as dadas à pergunta “O que é amor?": *“O amor é algo que acontece na presença de um outro, que nos faz ir além do nosso narcisismo e possibilita o encontro...”* e “[...] *Difícil de mensurar algo tão simbólico e com tantos significados em vida. Amor é muito mais que um sentimento pra mim, muito mais que dimensões do afeto, apego e desejo, mas também são as coisas simples do dia a dia que fazem a gente viver de uma forma mais leve. É tanto uma mistura de leveza quanto de intensidade*”. Ao enunciar essa ideia, o(a) participante articula vivência e reflexão, deslocando a concepção de amor para além da idealização e aproximando-a da alteridade. Nesse sentido, o dispositivo do clube do livro possibilitou que conteúdos afetivos e subjetivos fossem simbolizados, cumprindo seu papel tanto como espaço de elaboração quanto como prática de transmissão da ética psicanalítica em extensão.

Os resultados observados indicam que o clube do livro alcançou as duas frentes propostas inicialmente: constituiu-se como um espaço de escuta e elaboração simbólica das experiências subjetivas mobilizadas pela leitura e discussão da obra, e funcionou como dispositivo de diálogo sobre a psicanálise em extensão, tal como proposto por Lacan (1967). A articulação entre texto

literário, mediação sensível e participação ativa criou condições para que afetos fossem simbolizados e compartilhados, favorecendo deslocamentos e ressignificações. A profundidade das trocas evidenciam a potência da proposta extensionista, apontando para a relevância de iniciativas semelhantes como forma de inserir a psicanálise em espaços de convivência e reflexão coletiva no contexto universitário.

4. CONSIDERAÇÕES

Considerando os objetivos propostos, conclui-se que o clube do livro, enquanto atividade de extensão, alcançou plenamente seus objetivos. Para a universidade, a iniciativa demonstrou a viabilidade e a potência do diálogo sobre a psicanálise para além dos formatos tradicionais, fortalecendo o papel social da instituição ao aplicar conceitos teóricos em uma práxis que beneficia diretamente a comunidade. Para os participantes, tanto universitários quanto externos à instituição, o projeto se efetivou como um espaço seguro e acessível de escuta qualificada e elaboração simbólica coletiva, suprimindo uma demanda por espaços de reflexão sobre a subjetividade que não se enquadram necessariamente em um contexto clínico. Além disso, a realização do clube do livro no formato online foi essencial para ampliar os muros da universidade, o que permitiu que a proposta do clube alcançasse um público mais amplo e diverso, reforçando o caráter inclusivo e acessível da extensão universitária a pessoas fora do contexto acadêmico.

Diante do impacto positivo observado, recomenda-se a institucionalização da proposta como uma atividade de extensão contínua, a fim de consolidar este canal de diálogo entre a universidade e a comunidade. Sugere-se, ademais, a elaboração de um artigo ou protocolo metodológico a partir da experiência, visando disseminar o modelo para outros cursos e instituições como uma ferramenta de baixo custo e alto impacto para a promoção de saúde e cultura. Por fim, propõe-se o desenvolvimento de um projeto de pesquisa vinculado, que possa investigar com maior profundidade os efeitos subjetivos do dispositivo, gerando produção científica que legitime e amplie tais práticas no cenário acadêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1907). In: FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na “Gradiva” de W. Jensen. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 184-191.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 239-287.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: LACAN, Jacques. Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.

SUY, Ana. A gente mira no amor e acerta na solidão. Rio de Janeiro: Record, 2022.